

Amando Y Yendo

Dr Perry J Hubbard

Copyright ©2019 Dr. Perry J Hubbard

Todos os direitos reservados.

Design da capa por Ricardo Moisa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, exceto conforme expressamente permitido pelos estatutos de direitos autorais aplicáveis ou permissão prévia pelo autor.

Fotografias e imagens são protegidas pela lei de direitos autorais.

Conteúdo

Lição 1 - entender o que nos foi ordenado fazer 2

Lição 2 – Amar do jeito que você ama a si mesmo 3

Lição Três – Amar meus inimigos 5

Lição 4 – Amar como Jesus ama 6

Lição 5 – A autoridade 7

Lição 6 – tendo ido 8

Lição 7 – Faça Discípulos 10

Lição 8 – Batize-os 11

Lição 9 – Ensinando-os 13

Amar e ir -

Lição 1 - entender o que nos foi ordenado a fazer

Introdução

Todos conhecemos o mandamento de amar o próximo como a nós mesmos e todos sabemos que recebemos o mandamento de ir ao mundo e falar-lhes do amor de Deus. Mas o que essas frases significam para nós? Estamos realmente entendendo o que eles significam e como os executamos?

Esta pequena série de estudos foi projetada para examinar cada uma dessas ideias-chave de amar e ir. O foco é nos ajudar a fazer o melhor trabalho de proclamar as boas novas do reino para que haja seguidores de Cristo em todo o mundo.

Tópico um – o primeiro nível de amor

Em vários lugares, Jesus fala sobre amar nosso próximo e amar nossos inimigos. Esses são tópicos que abordaremos mais adiante. No meio dessas discussões que estão registradas em Lc 6:27-36 e Mt 5:43-47 ele acrescenta uma frase interessante, ele fala sobre “amar somente aqueles que amam você”.

Pare e leia as passagens e então continuaremos.

Nestas duas passagens, Jesus nos dá alguns exemplos do que isso significa.

- Os cobradores de impostos amam aqueles que os amam (os pecadores amam aqueles que os amam)
- Todos cumprimentam seu irmão ou amigo
- Empreste para quem pode pagar
- As pessoas ajudam aqueles que as ajudam (até os pecadores fazem isso)

Tenho certeza de que você pode encontrar muitas outras ilustrações do que significa amar aqueles que amam você. Para se importar com quem se importa com você.

A realidade é que até que alguém nos mostre alguma gentileza, não responderemos à sua necessidade. Grande parte da nossa vida é guiada por essa ideia de receber antes de dar. É mais claramente revelado no conceito de quando eu tiver tempo, ou quando eu tiver fundos, ou quando estiver melhor estabelecido, então poderei ajudá-lo. Esse conceito geralmente significa que a outra pessoa precisa ajudá-lo a chegar onde você quer estar antes de você pensar em ajudá-la.

É visto na forma como interagimos com os outros. Raramente dizemos olá a um estranho, a menos que haja um contexto específico que exija e geralmente quando isso acontece está relacionado a algo que precisamos ou queremos. Pode ser sobre o progresso em nosso trabalho, relações com um empregador, relações com professores e assim por diante. Se não são familiares ou amigos próximos, ignoramos as pessoas com quem temos contato nas ruas e em locais públicos. Se os cumprimentamos, é apenas para atender às expectativas sociais em um determinado ambiente. E então a saudação é tão breve e informal quanto necessário.

Segundo Jesus, não há recompensa em cumprimentar quem vai cumprimentar você porque é família ou amigo. Não há recompensa em convidar pessoas para sua casa porque você sabe que em algum

momento elas poderão fazer o mesmo por você. Não há recompensa em dar ou emprestar dinheiro ou bens para aquele que você sabe que irá reembolsá-lo.

Nesse nível de amor, você não está pensando nas necessidades ou preocupações deles, mas nas suas e na inconveniência que parar e cumprimentar alguém pode causar. A verdade é que você não quer conhecê-los, suas necessidades ou qualquer coisa sobre eles. Você só tem tempo para quem tem tempo para você e pode beneficiá-lo de alguma forma.

O triste é que eles têm a mesma visão de você. Eles se cumprimentam por causa das expectativas que existem porque você é da família ou amigo.

Isso soa duro e não é uma avaliação completamente verdadeira ou justa de todas as nossas relações com familiares e amigos. Nós nos importamos com eles. Mas quando você é o estranho e é rejeitado, é assim que se sente. E muitas vezes nós na igreja nos comportamos dessa maneira. Nós nos preocupamos uns com os outros e não há espaço para os outros em nosso mundo.

Não é de admirar que sejamos tão pouco atraentes para o mundo. Não temos nada para oferecer a eles que eles já não tenham.

Faça uma pausa e considere seu comportamento em relação a outras pessoas que não são amigos e familiares. A descrição de Jesus de amar somente aqueles que amam você seria uma descrição precisa de você ou de sua igreja?

Até que entendamos esse conceito, não teremos nada a oferecer ao mundo e nenhuma esperança de proclamar as boas novas, porque não é isso que eles ouvirão.

Lição 2 – Amar do jeito que você ama a si mesmo

Todos nós conhecemos o segundo maior mandamento. É repetido muitas vezes nas escrituras, desde Deuteronômio até Tiago. A versão mais reconhecida é encontrada em L uke 10:27, “Ele respondeu: 'Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento'; e 'Ame o seu próximo como a si mesmo'”.

Esta é a resposta de um líder religioso à pergunta de Jesus sobre a maior lei. Segue-se então a história do bom samaritano. Essa história redefiniu quem é nosso próximo, mas há mais para entender neste mandamento de amar o próximo como a si mesmo.

Este único comando é um resumo de todas as leis relacionadas à forma como tratamos uns aos outros. Eles são colocados no negativo; Não minta para o seu próximo, não o engane, não roube do seu próximo, não mate o seu próximo, não cobice as coisas do seu próximo e não cometa adultério. Em outras palavras, se você não quer ser maltratado, não maltrate os outros.

Mas isso também cria limitações. Trataremos os outros como queremos que nos tratem. O que significa que ainda somos o foco e, portanto, um pouco egoístas em nosso pensamento. Esse conceito de amar os outros é melhor, mas ainda limitado, e nos leva mais adiante no caminho para entender verdadeiramente o que é o amor.

Deixe-me repetir, neste nível, o foco está em tratar os outros da maneira que eu gostaria que eles me tratassem. Eu ajudo uma pessoa com problemas com a esperança de que algum dia outra pessoa faça o mesmo comigo. Não vou mentir para eles porque não quero que mintam para mim e assim por diante.

Vou respeitá-los e proteger seus direitos e sua vida, porque é isso que quero que os outros façam por mim.

Posso repetir isso, mas há um item-chave a ter em mente. Esta lei do amor é baseada na lei do antigo testamento. Uma lei que não podia ser cumprida e exigia sacrifício para reparar os danos causados pelo fracasso inevitável. É importante notar o que Jesus disse ao líder religioso antes de responder à pergunta sobre “quem é o meu próximo?” Ele lhe diz em Lucas 10:28 que ele respondeu corretamente. Isso nos faz sentir bem, mas a próxima afirmação, "Faça isso e você viverá", é o que é crítico.

Ele não diz para fazer isso e você entrará no reino dos céus. Apenas “e você viverá”. Isso sugere que, se quisermos nos dar bem neste mundo e fazer mais do que apenas sobreviver, temos que aprender a amar nesse nível. E isso é uma grande parte do que ensinamos em nossas igrejas. Ensinamos a sobrevivência e como viver neste mundo. Ensinamos uma forma básica de amor que não permitirá que nós ou outros realmente entendamos o amor ou passemos para o próximo nível.

Mesmo quando Paulo e Tiago citam essa frase em Rm 13:8-10, Gl 5:14 e Ja 2:8 o contexto é que esse ato de amar alguém da maneira que você ama a si mesmo resume a lei. Em Gálatas, Paulo acrescenta o conceito de que não devemos mais nos entregar, mas servir uns aos outros e em Romanos que esse tipo de amor não prejudica os outros e é um cumprimento da lei. James usa a frase no contexto de não mostrar favoritismo e amar uns aos outros igualmente, pois é assim que se cumpre a lei tratando todos como iguais.

Não há problema com o que está sendo ensinado aqui. Sinceramente, se todos se tratassem da maneira que gostariam de ser tratados. Se todos falássemos uns com os outros com bondade e encorajamento. Se todos valorizássemos a verdade da mesma maneira e assim por diante, este mundo seria claramente um lugar melhor. Esse tipo de pensamento é a base de muito do que os governos procuram fazer para governar o povo e fornecer diretrizes sobre como conviver. Isso e as regras para proteger as pessoas daqueles que não querem amar os outros do jeito que querem ser amados.

Quando todos cumprem esta lei, então todos nós vivemos mais felizes e o egoísmo e orgulho que muitas vezes são o problema são bastante reduzidos. Vemos os outros como algo de valor porque queremos ser vistos como uma pessoa de valor. Mas é suficiente valorizar os outros da mesma forma que queremos ser valorizados?

Agora pense em como esse ensino afeta a igreja. Ensinamos essa lei, mas o que estamos ensinando na realidade? Estamos ensinando-os a se sentir bem na igreja e ao redor dos outros? Ou estamos ensinando-os a se preocupar mais com os outros do que com eles mesmos?

Se o que estamos ensinando é se sentir bem e se é isso que as pessoas estão aprendendo, então não é difícil entender por que não somos atraentes para as pessoas ao nosso redor. O foco está em ser tão bom quanto podemos ser em nosso tratamento dos outros. E esse é o problema, focar em nossas ações e habilidades e a expectativa de que seremos respeitados por esse comportamento e as pessoas vão ouvir.

Pense em como você aplica esse ensinamento à sua vida. O que você espera: das pessoas ao seu redor, os membros de sua família, os membros de sua igreja? Você os trata com essa expectativa de justiça e igualdade? Eu vou tratá-lo dessa maneira para que eu possa esperar que você se comporte da mesma

maneira comigo? O que acontecerá se eles te amarem da mesma forma e tiverem essa mesma expectativa de você?

No final, se esta é a única maneira pela qual amamos os outros, o que isso diz sobre nós como cristãos? Esse nível de amor é suficiente para realmente impactar o mundo ao redor de nós, e além de nós?

Amar e ir -

Lição Três – Amar meus inimigos

Agora estabelecemos a realidade de que amar os outros é um princípio fundamental do ensino de Jesus e claramente definido pela Lei. Agora precisamos ir além da Lei e começar a entender o que significa amar os outros no contexto do reino. Leia os seguintes textos onde Jesus nos leva a outro nível do que significa amar o próximo.

Mateus 5:43-46 "Vocês ouviram o que foi dito: 'Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo'. 44 Mas eu vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, 45 para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus. Ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos 46. Se você ama aqueles que o amam, que recompensa receberá?

Lucas 6:27-28 "Mas eu digo a vocês que me ouvem: Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, 28 abençoai os que vos amaldiçoam, orai pelos que vos maltratam.

Nas duas primeiras aulas, o foco estava nas pessoas que conhecíamos e com quem temos o que se poderia chamar de relações normais. Tratamos uns aos outros de maneira respeitosa e honrada. Na primeira, fazemos isso por causa do que podemos receber em troca. No segundo porque é a maneira correta de tratar os outros. Em ambas as situações, não há inimizade. Se houver, está coberto por uma camada de civilidade, pois o objetivo é conviver e viver tranquilamente.

Mas o que acontece quando há animosidade, discórdia e diferenças que criam tensão e até maus-tratos? E aqueles de quem não gostamos, não queremos tolerar por causa de seu comportamento e atitude, ou aqueles que não gostam de nós e até nos odeiam?

Esta é uma pergunta difícil e a resposta de Jesus é clara. Devemos amá-los. Na passagem de Mateus, somos instruídos a orar por aqueles que nos perseguem. O objetivo é por este tipo de amor que seremos filhos de nosso Pai no céu. Na passagem de Lucas, obtemos ainda mais detalhes. Devemos fazer o bem a eles, orar por eles e abençoá-los. Mas em Luke, vai ainda mais longe, se eles tirarem algo de você, esteja disposto a dar mais. Na verdade, nós damos a eles o que eles pedem.

O que é ainda mais interessante é que, ao encerrar a passagem, ele afirma: "Faça aos outros o que gostaria que fizessem a você". Esta é a lei do amor ao próximo, mas em um nível mais alto. Antes o foco era naqueles de quem você espera tratamento igual. Você os trata bem e eles provavelmente o tratarão da mesma maneira. Agora estamos falando sobre aplicar essa mesma ideia, mas para pessoas que podem não retribuir seu bom tratamento a elas.

Tanto Pedro como Paulo ecoaram essa verdade em seus ensinamentos. Não devemos retribuir com raiva, xingamentos ou insultos.

- Rm 12:21 Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.
- 1 Co 4:12-13 Quando somos amaldiçoados, abençoamos; quando somos perseguidos, suportamos; 13 quando somos caluniados, respondemos com bondade.
- 1 Pedro 3:9 Não retribuam mal com mal, nem injúria com injúria, mas com benção, porque para isso fostes chamados para herdardes uma bênção.

Mas o melhor resumo de como devemos tratar os outros neste nível é encontrado em 1 Coríntios 13:4-8

4 O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. 5 Não é rude, não é egoísta, não se irrita facilmente, não guarda nenhum registro de erros. 6 O amor não se deleita com o mal, mas se regozija com a verdade. 7 Sempre protege, sempre confia, sempre espera, sempre persevera. 8 O amor nunca falha.

Aqui está a diretriz para nós em como aprender a amar nossos inimigos. É muita informação. Mais do que pode ser coberto neste breve estudo. Mas enquanto você lê, reserve um tempo para lê-lo repetidamente e considerar o que aconteceria se a igreja começasse a amar os inimigos de Cristo, nossos inimigos. Considere o que aconteceria se aqueles que tratamos como estranhos, pessoas que consideramos diferentes e como se fossem inimigos, com esse nível de amor.

Pois o Amor sempre protege, sempre confia, sempre espera e sempre persevera porque os inimigos de nossa fé em Deus podem ser salvos pelo amor.

Amamos o forasteiro, o estranho, nosso inimigo dessa maneira? Se fizermos isso, como isso afetará a igreja e sua capacidade de se envolver na missão de Deus?

Lição 4 – Amar como Jesus ama

Agora estamos começando a entender o que significa amar no reino. Amar aqueles que nos amam não é suficiente. Amar os outros como queremos ser amados é apenas cumprir a lei. Amar nossos inimigos é um grande passo à frente. Mas a maior forma de amor está à frente.

Em João 13:34-35 "Um novo mandamento vos dou: Amai-vos uns aos outros. Assim como eu vos amei, deveis amar-vos uns aos outros. 35 Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros. ."

Mais uma vez, provavelmente lemos isso e memorizamos sem pensar no que isso pode significar. Simplesmente pensamos nisso como outra maneira de expressar o mandamento de amar o próximo. Mas é?

Quando ouvimos esta frase "ame como eu te amei", entendemos o que isso significa?

Pense nisso um momento. Jesus chama este é um novo mandamento. Não é apenas um refinamento da lei do amor dada pela Lei. É uma instrução para amar da maneira que Deus ama. Então, como Deus nos ama?

Considere os seguintes textos

1 João 3:16 É assim que sabemos o que é o amor: Jesus Cristo deu sua vida por nós. E devemos dar nossas vidas por nossos irmãos.

Rm 5:6-8 Você vê, no momento certo, quando ainda éramos impotentes, Cristo morreu pelos ímpios. 7 Muito raramente alguém morrerá por um homem justo, embora por um homem bom alguém possa ousar morrer. 8 Mas Deus demonstra seu próprio amor por nós nisto: quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós.

1 Pedro 3:18 Porque Cristo morreu uma vez por todas pelos pecados, o justo pelos injustos,

Estas são escrituras poderosas sobre como Jesus sacrificou sua vida por nós e, claramente, se quisermos amar da maneira que Jesus amou, precisamos estar dispostos a fazer sacrifícios críticos para que outros ouçam. E sim, às vezes esses sacrifícios envolvem estar disposto a morrer para que outros ouçam.

Os sacrifícios vão desde coisas simples como tempo e dinheiro até coisas mais complicadas, como família, objetivos pessoais e nossa vida por amor a quem precisa ouvir.

Mas isso é apenas exterior ou resultado visível de algo muito mais crítico, muito mais profundo. Algo que Paulo nos diz em Romanos 5:8: “Mas Deus demonstra o seu próprio amor por nós nisto: sendo nós ainda pecadores, Cristo morreu por nós”.

Deus nos perdoou antes de conhecê-lo. Antes mesmo de existirmos, nosso perdão já estava disponível. Ele escolheu desde o início da criação colocar em prática o nosso perdão. A única coisa necessária para receber este perdão é a nossa confissão de pecado e a necessidade de perdão.

Então, como isso se relaciona conosco? Para a maioria de nós, até vermos a pessoa e ouvirmos suas palavras de confissão, realmente não pensamos em perdão. Queremos ver evidências de arrependimento. Para os envolvidos na missão de Deus, existe o conceito de que, se contarmos às pessoas, elas verão a necessidade de se confessar e assim vamos.

Isso é perdão antes mesmo de sabermos quem a pessoa será. Esta é a capacidade de perdoar o seu inimigo. Isso está tornando o perdão disponível, mesmo que eles possam rejeitá-lo. Jesus morreu enquanto ainda estávamos em nosso pecado. Jesus tornou o perdão disponível antes de sabermos que precisávamos dele.

É este o objetivo do nosso amor, tornar o perdão disponível antes mesmo que as pessoas saibam que precisam se arrepender? Nosso inimigo não pensa na confissão do pecado. Nosso inimigo só pensa em si mesmo, protegendo seu mundo e vivendo do jeito que quer.

Sem essa maneira de amar como Cristo, antes de conhecermos nossa necessidade, não há esperança para ninguém. Nós os amamos antes que eles entendam. Nós os amamos, não importa como eles possam responder. Nós os amamos porque é o que Deus faz. É por isso que as pessoas vão para o mundo. Eles acreditam que é possível amar aqueles que são inimigos e que através desse amor eles podem encontrar cura e esperança.

Nós, como igreja, amamos as pessoas antes que elas entendam suas necessidades? Vamos até eles, sabendo o quanto são ruins porque podem ser perdoados? Ou esperamos até que eles vejam uma necessidade de mudança e venham? Esperamos até ver evidência de arrependimento antes de amá-los? Se for o último, então não estamos amando como Deus ama, enquanto eles ainda são pecadores. Deus nos ama não porque mudamos. Ele nos ama porque é quem ele é. E sua esperança, seu desejo, é que vejamos isso e depois respondamos.

Isso é o que devemos fazer para amar os outros com a esperança de que, por causa do nosso amor, eles responderão.

Lição 5 – A autoridade

Todos nós conhecemos Mateus 28:18-20. Talvez todos nós tenhamos memorizado. É a passagem chave usada para ensinar a igreja sobre as missões e o que Deus quer que façamos. Na maioria das vezes pensamos nos quatro mandamentos de ir, discipular, batizar e ensinar. Mas há uma declaração que vem antes de tudo isso.

Jesus declara que toda autoridade lhe foi dada no céu e na terra. Então ele termina com uma declaração poderosa semelhante, Eu estarei com você sempre, até o fim dos tempos. Isso define tanto o início como o fim da missão que somos chamados a cumprir.

Minha pergunta é se entendemos completamente o que essa informação significa? Entendemos claramente dois elementos-chave. Um que Jesus tem o controle de tudo o que está acontecendo em toda a criação. Dois que essa autoridade existirá a partir do dia em que ele a anunciar a seus seguidores até que esta era atual seja completada.

Esta é uma mudança significativa no conceito de poder. É uma definição de algo novo e uma mudança de algo passado. Enquanto ninguém argumentaria que Jesus, como membro da trindade, sempre teve autoridade no céu. O que é diferente é o conceito de autoridade na terra. Para os judeus, esse poder estava centrado em três indivíduos, o rei, o governo terreno, o sacerdote, a prática religiosa e o profeta, a comunicação com Deus. Em Jesus, tudo isso termina e se une nele.

Deus, no passado, pelo menos desde o tempo de Moisés, e mais claramente no tempo de Samuel, havia usado esses três indivíduos para expressar sua autoridade, guiar seu povo e realizar seus planos. E enquanto ele interveio em diferentes momentos, esses três permaneceram os símbolos da autoridade de Deus, até a chegada de Jesus. Em Jesus, esses três são reunidos em uma pessoa. Ele agora tem a autoridade de todos eles.

Há muita teologia ligada a este conceito e, embora importante, não é a ideia crítica que está sendo expressa. Jesus agora tem toda a autoridade e nos chama para representar sua autoridade no mundo. Sem esta declaração, não temos esperança de cumprir nenhuma das seguintes diretrizes.

Imagine ser enviado por um líder para realizar uma tarefa específica, mas toda vez que uma decisão precisa ser tomada você tem que parar, voltar ao líder e consultá-lo. Como isso afetará o trabalho? Isso tornará muito difícil e aqueles com quem você está trabalhando nunca confiarão em você ou ouvirão você porque você não foi autorizado. Você se torna principalmente um mensageiro e não um representante daquele que o enviou.

É difícil fazer um trabalho quando está claro para todos que aquele que enviou não confia em você e deve verificar tudo o que você faz. Isso não é o mesmo que servir como líder e consultar conforme necessário aquele para quem você trabalha. Isto é normal. Há sempre questões que precisam de mais orientação. Mas isso não é necessário para tudo o que tem que ser feito.

A segunda parte é por quanto tempo a autorização está em vigor. Temos contratos que definem esses parâmetros. E as empresas são muito cuidadosas na forma como definem quem pode fazer o que trabalho e por quanto tempo serão autorizados a fazer isso. Embora esses contratos sejam úteis, eles também podem causar problemas. Uma pessoa que vê o fim da autorização pode decidir ser menos eficiente, menos preocupada com a qualidade e até criar problemas porque está prestes a perder sua autoridade.

Mas com Jesus, essa autorização tem apenas um ponto final. Basicamente, é quando Deus decide que a obra está feita, no final dos tempos. Embora não saibamos quando é especificamente, ninguém nos disse, nem mesmo o filho sabe, sabemos que estamos autorizados a realizar o trabalho até essa data chegar. Isso significa simplesmente que somos livres para fazer o trabalho sem nos preocuparmos se estamos autorizados a fazê-lo. Significa também, com base no contexto, que a autorização é para todos os que crêem e são discípulos de Jesus.

Então, acreditamos que estamos autorizados a realizar a obra do reino? Acreditamos que esta autoridade permanecerá em vigor até que Jesus volte? Acreditamos que Jesus sempre estará presente para garantir que sua autoridade permaneça em vigor? Ou permitimos que outros usurpem essa autoridade e decidam quem pode ir, quem pode servir, quem pode proclamar as boas novas?

Tenha em mente que a autoridade não vem da igreja ou dos líderes-chave. Não é limitado pelas tradições e práticas da igreja. Seu foco é submeter tudo o que fazemos à autoridade de Jesus e à obra de cumprir a missão de Deus de anunciar o evangelho a todas as nações.

Lição 6 – ter ido

A primeira direção após a declaração de autoridade gira em torno da palavra ir. Normalmente, é traduzido como um comando para ir. Isso ocorre porque não temos a complexidade da gramática para traduzir plenamente o significado grego. Neste caso, o verbo está no passado e significa que já que você já foi para o mundo você precisa fazer o seguinte.

Para nós, a maneira mais simples de traduzir isso é usar a forma de comando do Go! Com ênfase.

Mas, com base nos conceitos gregos, o significado é muito mais poderoso. Esta não é a direção que um comandante dá a suas tropas. Não é atenção, cara direita, marcha. Esta instrução faz uma suposição chave. Supõe que já estamos a caminho e indo em direção ao mundo.

Jesus não teve que lhes dizer para esperar. Na verdade, eles estavam prontos para ir e já estavam indo. Jesus apareceu primeiro às senhoras, depois a dois homens no caminho de Emaús, depois aos doze e a Pedro e, finalmente, segundo Paulo, mais de 500 pessoas. Eles já tinham começado a espalhar a palavra. Na verdade, eles estavam tão ansiosos para contar aos outros sobre o Senhor ressurreto que Ele teve que dizer a eles que esperassem.

Eles ainda não estavam prontos para ir mais longe. Eles precisavam esperar pelo poder de Deus para que não dependessem de sua força para o trabalho que estava por vir. Eles tiveram que retornar a Jerusalém e esperar que o dom do Espírito Santo fosse dado. Então eles já estavam indo e precisavam ser desacelerados um pouco para ter certeza de que tudo estaria no lugar para eles irem. Eles precisavam ter o poder de Deus neles para que pudessem fazer mais do que apenas anunciar, contar a todos o que havia acontecido.

E uma vez que isso aconteceu, não havia fim. As pessoas estavam em movimento e contando aos outros. A igreja cresceu porque as pessoas estavam indo, não esperando que lhes dissessem que podiam ir ou que precisavam de treinamento especial. Eles já tinham as boas novas e o conselheiro prometido que os ajudaria enquanto passaram a comunicar-se corretamente com aqueles que encontraram.

Agora é um fato que existem dois tipos de treinamento que são muito comuns no mundo. Há o treinamento de livros didáticos que recebemos nas escolas e afins. Depois, há o que é chamado de treinamento prático ou treinamento no trabalho. O primeiro nos dá muitas informações, mas até que realmente o usemos, atividade prática, é apenas teoria. O treinamento mais eficaz combina os dois. Fornece treinamento para aqueles que já estão envolvidos em uma atividade. O foco não está em ensinar-lhes o que eles não sabem, mas em melhorar sua capacidade de usar o que já sabem.

A verdade é que quando os conselheiros estão ajudando as pessoas a encontrar uma carreira ou um emprego, eles primeiro tentam aprender quais habilidades e habilidades elas já possuem antes de sugerir uma direção. É sempre mais fácil e lucrativo construir sobre o que já existe em vez de criar do zero. E mesmo quando uma pessoa com o livro aprendendo. é a procura de emprego muitas vezes um critério para ser contratado, você tem alguma experiência anterior? Caso contrário, você passa por um processo de triagem para determinar se é capaz de aplicar o que aprendeu no mundo real do trabalho.

Então agimos desta forma? Os membros da igreja já estão indo? Ou eles estão esperando que alguém decida se eles são capazes de ir? A igreja está estabelecendo um escopo limitado de oportunidades para ir? Ou eles estão indo e a igreja está procurando maneiras de melhorar o que eles já estão fazendo enquanto estão indo?

Atos nos diz que aqueles que creram começaram imediatamente a ir. Ele conta que por causa do comportamento dos crentes, mais foram acrescentados a cada dia à igreja. Isso porque eles viram como os crentes viviam e cuidavam dos outros. E então, quando Estêvão é martirizado, somos informados de que, à medida que a igreja foi espalhada, eles compartilharam o evangelho em todos os lugares que foram e a igreja cresceu.

Onde estamos como igreja? Restringimos as pessoas de seguirem o caminho que ensinamos e as autorizamos? Nós os impedimos de ir por causa do que achamos que eles precisam saber antes de irem?

Agora é verdade que para tipos específicos de ministério haverá necessidade de treinamento específico. Mas isso deve se basear não em esperar encontrar alguém para enviar, mas identificar aqueles que já estão indo e equipá-los para fazer o melhor trabalho possível. Ninguém deve se sentir impedido de ir.

É assim que trabalhamos como igreja? Ou enviamos apenas os poucos aprovados?

Você já está indo ou esperando que alguém o autorize a ir?

Se entendermos que Jesus disse que todos nós já deveríamos estar indo e fazendo a obra em Jerusalém, Judéia, Samaria e nos confins da terra.

Lição 7 – Faça discípulos

Então, agora que estamos indo para o mundo, o que fazemos? Jesus deixa isso bem claro. Devemos fazer discípulos, batizá-los e ensiná-los. Nas próximas três lições, consideraremos cada uma dessas ideias.

Hoje há uma ênfase crescente na necessidade de fazer mais do que proclamar o evangelho e ver as pessoas se arrependem

de seu pecado. Uma ênfase crescente de que ser cristão é muito mais do que ir à igreja e dar o dízimo. Trata-se de tornar Cristo parte de cada aspecto de sua vida. Trata-se de se tornar um discípulo de Jesus.

A diretriz de Jesus é para nós irmos e fazermos discípulos. Essa ação de fazer discípulos está ligada à palavra ir. E lembre-se que a ideia é que já estamos indo e anunciando as boas novas. Ao fazermos isso, devemos nos envolver com as pessoas que estamos conhecendo para ajudá-las a se tornarem discípulos.

Digo isso porque temos um problema sério nessa área. Nós não vamos até eles. Esperamos que eles venham a um programa, seminário ou igreja para serem disciplinados. Esta não é a melhor maneira de discipular e limita o processo de muitas maneiras.

Veja o que Jesus fez em relação a fazer discípulos. Ele, em primeiro lugar, foi até eles onde estavam. Ele conversou com eles e os chamou para segui-lo. Mas ele não os chamou para segui-lo à sinagoga ou a uma escola rabínica. Ambos estavam vinculados a locais e a um programa de instrução definido. Ele os chamou para segui-lo e se tornar parte de seu ministério e vida.

Ao mesmo tempo, ele se comprometeu a ensiná-los enquanto caminhavam juntos na vida e no ministério. O manual de treinamento de Jesus não se baseava em 10 passos ou uma série de níveis de desenvolvimento. Seu manual era a própria vida. À medida que a vida acontecia, ele a usava para ensiná-los. À medida que reagiam ao que estava acontecendo e faziam perguntas, ele respondia com ensinamentos relacionados ao que estava acontecendo.

Não existe um manual que seja projetado para lidar com as necessidades de um indivíduo. Não há programa que possa cobrir e lidar totalmente com toda a variedade que ocorre na vida. Simplesmente não é possível e se tivermos algo assim, não responderá a todos os envolvidos. Por que eu digo isso? Simples. Nem todos estão lidando com os mesmos problemas ao mesmo tempo e da mesma maneira. Cada membro de um grupo tem diferentes níveis de maturidade, capacidade de aprender e necessidades.

Isso não significa que devemos evitar os grupos de pessoas com diferentes necessidades e problemas se encontram para discipular. Na verdade, é exatamente isso que queremos, porque eles também se ajudarão a crescer, com base em suas experiências, habilidades e insights. O disciplinado é uma experiência dinâmica que permite que a vida guie o que está sendo ensinado e aprendido.

Jesus não ensinou sobre todos os tópicos possíveis. Ele não forneceu uma teologia sistemática para estudarmos. Ele não forneceu um livro exaustivo cobrindo todos os cenários e situações possíveis. O que ele nos deu foi uma maneira de ajudar cada pessoa a crescer de maneira adequada no relacionamento com ele. O manual que temos, que se chama Bíblia, nos dá tudo o que precisamos para poder conhecer as pessoas onde elas estiverem.

É por isso que a parte mais crítica do discipulado é entrar no mundo de outra pessoa e interagir com ela em tempo real. Trata-se de caminhar com eles em sua vida. Trata-se de não ser controlado por um plano que não pode ser alterado conforme necessário para lidar com o que está acontecendo na vida do discípulo.

Mais uma vez, o verdadeiro discipulado envolve irmos até onde a pessoa está para ajudá-la a crescer em seu relacionamento com Cristo no mundo onde ela vive. O verdadeiro discipulado acontece no mundo da pessoa. Não se trata de eles terem uma aula específica sobre vida cristã ou um tópico semelhante. São aulas importantes para se ter, mas se não forem além da simples apresentação de material, e provavelmente bom material, para atender as necessidades da pessoa onde mora, será sempre apenas isso, uma apresentação de bom material.

Então, estamos levando a sério a ordem de fazer discípulos? Entendemos o que é fazer discípulos? Estamos intimidados pelo termo?

Na verdade, a maioria de nós tem praticado uma forma básica de discipulado. Se você tem filhos, você os tem discipulado para serem bons filhos, bons membros da família e bons cidadãos. Todos os dias você trabalha com eles e os ajuda a lidar com inúmeras situações que a vida apresenta. E você está muito ciente de que não há dois filhos iguais, o que significa que você se adapta às necessidades de cada um.

Se você não é pai, tem recebido esse tipo de discipulado de outras pessoas. E você não recebe apenas deles. Você recebe de outros membros da família, outros na igreja e seus amigos. Às vezes, o que você está sendo ensinado, especialmente se vier daqueles que não são cristãos, não é útil. Amigos podem discipliná-lo sobre como mentir, como abusar de seu corpo e outras práticas semelhantes.

A questão para nós como líderes e como igreja é se estamos realmente envolvidos no discipulado que é pessoal e ocorre onde as pessoas vivem? Nosso discipulado acontece no mundo real e se relaciona com o que está acontecendo na vida de uma pessoa? Vamos até eles para encontrá-los onde estão e ensiná-los nesse contexto, como Jesus fez com os discípulos?

Lição 8 – Batize-os

João 1:33 "Eu não o teria conhecido, a não ser que aquele que me enviou a batizar com água me dissesse: 'O homem sobre quem você vir o Espírito descer e permanecer é aquele que batizará com o Espírito Santo.'

A primeira vez que ouvimos falar do conceito de batismo está relacionado ao ensino e obra de João Batista. Ele foi o último e maior profeta enviado para proclamar a vinda do messias prometido. Uma grande parte de seu ministério foi proclamar a necessidade de arrependimento. Ele foi muito direto e claro ao declarar o que era pecado e foi muito objetivo em sua explicação.

De fato, ninguém foi excluído, nem mesmo os líderes religiosos, que para ele eram alguns dos piores por causa de seu legalismo. Em vez de aprender a lei e ser transformado por ela, eles procuraram transformar a lei para se adequar ao seu mundo e expectativas.

João esperava e desejava que todos se arrependessem. Como símbolo da sinceridade de uma pessoa, ele exigia que ela fosse batizada. Ele esperava que eles fizessem sua confissão pública para que todos vissem e ouvissem. Mas mesmo enquanto realizava essa ação, ele proclamou outro nível de batismo ainda por vir. Ele disse que viria um que os batizaria com o Espírito. Esse seria Jesus. E quando Jesus veio para ser batizado, nota-se que o Espírito desceu sobre ele.

Em Jesus, vemos o quadro completo do batismo. É mais do que apenas um reconhecimento público do meu pecado. É uma declaração de que de agora em diante pertenço a Deus e o servirei. Não foi até este ato de batismo que Jesus começou seu ministério. E esse ministério começou com um ato de obediência e teste para ter certeza de que o compromisso era verdadeiro.

Os discípulos de Jesus batizavam as pessoas, bem como parte de seu ministério.

- Lucas 7:29 (Todo o povo, até os cobradores de impostos, ao ouvirem as palavras de Jesus, reconheceram que o caminho de Deus era certo, porque haviam sido batizados por João)
- João 4:1-2 Os fariseus ouviram que Jesus estava ganhando e batizando mais discípulos do que João, 2 embora na verdade não fosse Jesus quem batizasse, mas seus discípulos.

O que é interessante notar na passagem de João é que eles estavam batizando discípulos. Isso poderia significar que nem todos os que queriam ser batizados podiam fazê-lo? Se o requisito chave era que desejassem ser discípulos, isso poderia indicar que havia necessidade de algum tipo de evidência de compromisso por parte daqueles que vieram para ser batizados.

Já sabemos que João criticou alguns que vieram para ser batizados. Ele os chamou de raça de víboras (Mt 3:7). Claramente, John tinha uma expectativa até mesmo de um padrão que ele usou para decidir quem ele batizaria. E se a afirmação sobre a atividade de Jesus for verdadeira, eles precisavam estar comprometidos o suficiente para não apenas ouvir o ensino, mas prontos para fazer as mudanças necessárias para serem chamados discípulos.

Discípulos são pessoas que deixaram de lado quem foram para se tornarem seguidores, não essa palavra é muito fraca, aderente seria melhor, dos ensinamentos que estavam recebendo. Significava evidência de uma mudança em seu foco e em sua vida.

Mas e quanto ao chamado de Pedro à multidão para se arrepender e ser batizado em Atos 2:40-41?

- Com muitas outras palavras ele os advertiu; e ele implorou a eles: "Salvem-se desta geração corrupta." 41 Aqueles que aceitaram sua mensagem foram batizados, e cerca de três mil foram acrescentados ao seu número naquele dia.

Como sabemos se eles realmente se comprometeram a ser discípulos? Duas coisas se apresentam. Um, afirma que ele advertiu e implorou a eles. Isso sugere que aqueles que responderam estavam bem informados e tomaram uma decisão com base em um entendimento real. Além disso, tenha em mente que muitas dessas pessoas ouviram e viram Jesus quando ele estava vivo. Seu ensino e suas exigências

não eram desconhecidos. Além disso, eles sabiam que os líderes não aprovavam se e assim responder teria consequências, que se tornam evidentes muito rapidamente. Eles não estavam cegos sobre o que estava sendo ensinado e o que significava ser batizado.

Dois, diz que eles aceitaram a mensagem. Isso não é apenas um reconhecimento do ensinamento, mas uma escolha que mudará a vida da pessoa. A palavra grega carrega essa ideia, foi aceita, não, mais ainda, foi recebida com todo o coração. Este nível de aceitação implica uma decisão de mudar e incorporar o que foi recebido na vida de uma pessoa como base para viver.

Então, estamos chamando as pessoas para esse nível de compromisso? Um batismo que é uma declaração pública de que aceitei com entusiasmo e de todo o coração os ensinamentos de Jesus e sou seu discípulo. Eu me arrependi do meu pecado e escolhi viver para ele em todas as áreas da minha vida. É isso que ensinamos e promovemos?

Nesta seqüência de ensino, tendo ido, esteja fazendo discípulos e batizando para que todos saibam que escolheram se comprometer de coração, corpo, alma e mente a amar o Senhor seu Deus. O batismo é a evidência de um sacrifício completo de si mesmo para ser um verdadeiro discípulo. Foi isso que fizemos quando fomos batizados? É isso que esperamos daqueles que são batizados?

Lição 9 – Ensinando-os

Esta frase representa uma questão crítica para nós. E é claro que nem sempre a entendemos, muito menos a realizamos.

Mateus 28:20 e ensinando-os a obedecer a tudo o que vos ordenei.

Entendemos a ideia de ensinar as pessoas a obedecer. Entendemos que o foco está em tudo o que Jesus ordenou. O problema é o que está incluído na palavra todos.

Nesta passagem, vemos vários níveis de ensino. O primeiro é o nível de prestação de informações. Devemos ir e declarar a mensagem. Isso é ensino básico. É o que é dado às crianças. Damos-lhes informações para que possam tomar decisões sobre a vida e o que ela envolve.

O segundo nível é o de ensinar às pessoas o que é importante para que possam tomar decisões. Ensinamos o certo e o errado. Ensinamos opções relacionadas ao trabalho. Ensinamos a eles a importância de serem bons cidadãos. Tudo isso é feito para que eles possam fazer escolhas sobre como viver. Esta é a fase do discipulado. E então seguimos com mais ensino para apoiá-los e encorajá-los nas decisões que tomam.

O terceiro nível é o ensino que leva a pessoa ao lugar onde ela tem a capacidade de fazer escolhas e compromissos críticos. Ensinamos as pessoas sobre casamento e família para que possam fazer escolhas sobre com quem se casar e como se comprometer com esse relacionamento. Ensinamos às pessoas a importância da lealdade ao país para que, se e quando chegar a hora, elas se comprometam a defendê-lo. É disso que se trata o batismo.

Agora chegamos a outro nível de ensino e muitas vezes perdemos do que se trata. Muitos assumem que é a verdade do evangelho. Mas qual é o verdadeiro conteúdo do evangelho? Para a maioria, é um simples esboço de informação: 1. Deus criou o homem para ter comunhão com ele, 2. O homem pecou

e quebrou essa comunhão 3. Cristo veio morto e ressuscitou para que o homem pudesse ser perdoado. 4. Todos os que confessam seus pecados e crêem que Jesus morreu por eles podem ser salvos e ter essa comunhão restaurada.

Mas é isso realmente o que o evangelho significa? Considere as três escrituras a seguir.

- Marcos 1:1 O início do evangelho sobre Jesus Cristo, o Filho de Deus.
- Marcos 13:10 E o evangelho deve primeiro ser pregado a todas as nações.
- Rm 2:16 Isso acontecerá no dia em que Deus julgará os segredos dos homens por meio de Jesus Cristo, como declara meu evangelho.

Há duas coisas a serem observadas aqui. Olhando para as duas passagens de Marcos, fica um pouco claro que o evangelho é muito mais do que quatro pontos ou um chamado ao arrependimento. Eles sugerem que toda a vida de Jesus é o evangelho e tudo o que ele ensinou é o evangelho.

A declaração de Paulo é uma das quatro vezes que ele fala sobre seu evangelho. Como pode ser o seu evangelho e ser também o de Cristo?

A verdade é encontrada no mandamento de ensinar. Devemos ensinar tudo o que Jesus ensinou. O melhor resumo do que isso significa é encontrado na passagem sobre o que Jesus fez ao conversar com os dois homens no caminho de Emaús.

Lucas 24:27 E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicou-lhes o que dele estava dito em todas as Escrituras.

O evangelho é tudo o que se encontra nas escrituras. É toda a palavra de Deus. E é tudo o que Deus faz em e através daqueles que são seus filhos. É a razão que Marcos pode dizer no primeiro versículo de seu livro, aqui começa o evangelho de Cristo. O evangelho abrange tudo o que Jesus fez, disse e ensinou e, como ele também é Deus, inclui tudo o que Deus disse e ensinou.

Quanto a Paulo, usando a ideia acima de tudo que Deus diz e ensina, Paulo poderia falar sobre seu evangelho. Um evangelho que incluía tudo o que Paulo havia aprendido e experimentado. Toda a palavra de Deus nas escrituras e tudo o que Deus fez em e através de sua vida tornou-se seu evangelho. Um evangelho baseado não no ensino de Paulo, mas em ter recebido e aprendido tudo o que estava incluído no evangelho de Cristo.

O evangelho é abrangente porque é toda a história de Deus e sua obra para redimir cada um de nós. E inclui pessoalmente tudo o que Deus fez em nós para tornar essa história real e legível para os outros.

Então, qual é o seu evangelho? É o esboço básico como acima? Se assim for, então é banal e impotente. Inclui a vastidão do amor de Deus, a história da obra de Deus, a imensidão de sua presença em tudo? Inclui tudo o que Cristo ensinou e fez e, portanto, inclui tudo o que ele ensinou e fez em sua vida?

Agora pense na igreja. Que tipo de evangelho estamos realmente aprendendo e ensinando? Estamos realmente ensinando às pessoas toda a palavra de Deus? Nossos membros realmente leem e conhecem todo o evangelho, a Bíblia de Gênesis a Apocalipse? Eles têm sua própria adição a esse evangelho, um evangelho de(nome da pessoa), que revela como Deus trabalhou em e através de sua vida?

Como é realmente o nosso evangelho e como isso afeta nossa capacidade de ir, discipular, batizar e ensinar as pessoas a obedecer a tudo o que Jesus ensinou e ordenou?